

II Jornada de Estudos Insólitos da USP

Desconstruindo o Escapismo:

Fantasia, Sociedade e Temas Fraturantes

16 de agosto de 2024

https://celp.fflch.usp.br/II_jornada_estudos_insolitos

Organização:

Bruno Anselmi Matangrano

(Docente na École Normale Supérieure de Lyon – ENS/Lyon, Colíder do GP Nós do Insólito – UERJ e membro do GPPLCCJ)

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

(Docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e membro do GPPLCCJ)

Nathália Xavier Thomaz

(Doutora Egressa pela Universidade de São Paulo – USP e membro do GPPLCCJ)

Coordenação geral:

Maria Zilda da Cunha

(Docente na Universidade de São Paulo – USP e Líder do GPPLCCJ)

Realização:

Grupos de pesquisa:

Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – GPPLCCJ (FFLCH-USP)

Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (UERJ)

Onde: Prédio de Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Quando: dia 16 de agosto de 2024.

CADERNO DE RESUMOS

(Ordenados em ordem alfabética a partir do primeiro nome dos autores)

Fantasia e vulnerabilidades femininas: as bruxas de Fernanda Castro

Ana Carolina Lazzari Chiovatto

(Doutora Egressa pela Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica)

As mais diferentes sociedades e épocas contribuíram para construir e fixar a visão de que a mulher seria uma criatura inferior ao homem e, por isso, deveria se sujeitar a ele, o que criou muitas formas de vulnerabilidade desse grande e diverso grupo social ao longo dos séculos. A vulnerabilidade de alguns indivíduos, por sua vez, é um dos principais fatores a cindir uma sociedade e, com isso, instabilizá-la, uma matéria-prima recorrente na literatura. Na fantasia, especificamente, existem formas de contrariar o que parece ser uma ordem social de aparência inquebrantável, pois, com o acréscimo de magia ou formas similares de poderes extraordinários, uma população vulnerável pode reverter a própria situação e subjugar seus opressores. Uma figura historicamente associada a essa subversão do eixo de vulnerabilidade é a bruxa, cujas facetas mudaram ao longo da história, principalmente em decorrência de seu anterior status de criminosa judicial, para séculos mais tarde se tornar ora a vilã de narrativas infantis, ora a vítima de sistemas patriarcais e, enfim, a (anti-)heroína rebelde, contrária às diversas injustiças sociais. No seio de todas essas representações, há antes de tudo mulheres em situação de extrema vulnerabilidade social, que de alguma forma manipulam poderes inacessíveis às parcelas mais privilegiadas da população. E, por isso, causam medo. As mais diversas autorias têm escolhido diferentes aspectos da bruxa para dar vida a personagens cada vez mais complexas, e o presente trabalho a analisará em duas obras da escritora Fernanda Castro: *Lágrimas de Carne*, na figura da Carpideira, e *Mariposa Vermelha*, na personagem Amarílis.

Fantasia e causa animal: tendências antiespecistas, ecologistas e vegetarianas na fantasia urbana brasileira contemporânea

Bruno Anselmi Matangrano

(Docente na École Normale Supérieure de Lyon – ENS/Lyon e membro dos Grupos de pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica e Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

O estudo da relação entre a literatura e a causa animal, uma das vertentes da corrente crítica denominada zoopoética, mostra que muitos autores já tinham preocupações antiespecistas no século XIX. Nomes como Victor Hugo, Percy Shelley e Émile Zola destacam-se dentre precursores nesse tipo de olhar, seja atrás de artigos publicados na imprensa, seja em textos poéticos em que denunciavam a violência em relação a animais não-humanos. Nas literaturas insólitas, essa tendência também se fez cedo sentir: em *Frankenstein*, de Mary Shelly, a “criatura” revela-se vegetariana, assim como a personagem Beorn, que defende igualmente uma dieta livre de consumo de carne, em *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien. Na fantasia contemporânea, essa temática parece cada vez mais frequente entrelaçando-se com outras preocupações ecológicas. Isso talvez se explique pela exposição ao tema, pelo aumento da violência causada pela produção intensiva de carne, ou ainda pelos recentes estudos que atestam não apenas a inteligência de animais não-humanos, como sua capacidade de sentir emoções. Diante desse contexto, o presente trabalho pretende demonstrar como a temática da causa animal e, em particular, seus desdobramentos em torno do especismo e do vegetarianismo, têm sido trabalhados com frequência em obras de fantasia urbana brasileira, como na trilogia *Legado Folclórico*, de Felipe Castilho, e nos romances *Rani e o sino da divisão*, de Jim Anotsu e *Árvore Inexplicável*, de Carol Chiovatto, no intuito de apontar as potencialidades para debates sociais desse gênero comumente descrito pejorativamente como escapista.

Fantasia e ecologia: representações de ameaças ao equilíbrio ecológico em *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien

Cido Rossi

(Docente na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara e membro do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica)

J. R. R. Tolkien é um dos principais escritores críticos do século XX, seus ensaios, cartas, prefácios e sua própria obra contendo algumas das reflexões mais lúcidas sobre a ficção, a literatura e o mundo no contexto da contemporaneidade. Tolkien mobiliza a fantasia na elaboração desse seu pensar crítico, ele mesmo promovendo o resgate e o desenvolvimento desse gênero ficcional na primeira metade do século XX por meio de seu *legendarium*, o mundo ficcional que criou, e, em especial, do ensaio “Sobre histórias de fadas” (“On Fairy-Stories”, 1947). Partindo da concepção de fantasia do autor e de

fantasia como fazer ficcional-literário privilegiado na abordagem de questões sensíveis à humanidade, pretende-se, nesta comunicação, verificar como Tolkien desenvolve sua reflexão crítica sobre Ecologia, particularmente na obra *O Senhor dos Anéis* (*The Lord of the Rings*, 1954-1955).

Perdido nas veredas da Fantasia

Flavio García

(Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Líder do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica)

É fato incontestável que, tendo-me por pesquisador do insólito ficcional há quase três décadas (1995 – 2024), surpreendi-me ao ser confrontado com delimitações teórico-metodológicas do termo-conceito fantasia, em sua acepção genológica, as quais não coincidem com o que até então tinha por certo. As noções que me orientavam eram balizadas pelo pensamento de Filipe Furtado, em sua concepção de discursos, ficção ou literatura do metaempírico, que são a base de sua proposta abrangente do fantástico entendido como modo. Furtado recorre, em grande medida, à obra de Rosemary Jackson, e acaba por aproximar a fantasia do fantástico modo e, mesmo, do insólito ficcional. Nesse sentido, os três termos-conceito implicariam guarda-chuvas que recobririam uma vastidão de manifestações ficcionais. Embora se possa, na terceira década do século XXI, divergir seja de Jackson, seja de Furtado, e propor efetivas distinções entre o gênero fantasia e aqueles demais macrogêneros, algumas abordagens dessa questão tendem a apontar a fantasia igualmente como um macrogênero. Em vários aspectos, também imiscuem o fantástico com subgêneros da fantasia. Pretendemos discutir, panoramicamente, esse aspecto crítico-teórico, sobrelevando a carência de publicações em língua portuguesa, tanto no Brasil, quanto em Portugal, que tratem do problema.

Fantasia e morte: o percurso da heroína em *O Maravilhoso Mágico de Oz*

Kellen da Silva Nascimento

(Mestranda na Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

O presente trabalho propõe uma discussão acerca da temática da morte na obra literária *O Maravilhoso Mágico de Oz* (1900), de L. Frank Baum. Para isso, será levada em consideração a jornada de Dorothy, uma jovem que, por meio de um ciclone, vai de Kansas, mundo real, à Terra de Oz, mundo imaginário, onde vive aventuras e é reconhecida como heroína por levar à morte duas bruxas más e, assim, libertar o povo de seu domínio. Nesse contexto, percebe-se que a morte, além de ser colocada em seu sentido literal, pode ser observada sob perspectiva metafórica, ao passo que representa a extinção do mal (associado à escravidão, à tirania e ao sofrimento, por exemplo) em Oz. A fundamentação teórica encontrará respaldo em Nelly Novaes Coelho, no tocante à literatura infantil e juvenil, e em referências relativas à temática da morte nessa especificidade da literatura.

Fantasia e protagonismo feminino: as demandas feministas contemporâneas na fantasia brasileira

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

(Docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

Ao chegarmos a quase um quarto do século XXI, há de se observar uma nova onda feminista, impulsionada principalmente pelas redes sociais, que surge como forte reação a contínuas e insistentes injustiças sofridas pelas mulheres: desvalorização, desigualdade, apagamento, silenciamento, violência física e moral, dentre outras. Multifacetado, esse movimento se expande em diferentes feminismos, cada qual com demandas específicas, o que tem chamado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas. Destacamos que entre as principais demandas, por exemplo, não se busca simplesmente a igualdade de gêneros, mas a justiça de gênero (Delap, 2020), o que pode ser vislumbrado em produções literárias brasileiras contemporâneas, inclusive na fantasia, categoria classificada injustamente como escapista. Tomamos como exemplo as obras *Rani e o sino da divisão*, de Jim Anotsu e *O auto da Maga Josefa*, de Paola Siviero, cujas protagonistas femininas, que compõem os títulos, são plenas de magia e não se configuram como coadjuvantes ou mediadoras dos heróis. A partir da perspectiva dos estudos comparados, esta comunicação objetiva refletir como algumas demandas feministas contemporâneas refletem na construção dessas protagonistas.

Fantasia e trauma: a poética cinza nos mundos possíveis de Lygia Bojunga

Marisa Martins Gama-Khalil

(Docente na Universidade Federal de Uberlândia – UFU e na Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, membro do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica)

As narrativas da premiada autora brasileira Lygia Bojunga são conhecidas por concretizarem a conjunção entre as esferas ficcionais da fantasia e do realismo, aparentemente dissonantes e distantes, porém absolutamente próximas nas experiências humanas. James e Mendlesohn evidenciam que a fantasia não expressa necessariamente uma forma de escapismo, pelo contrário, ela oferece modos diversos e alternativos para explicar a realidade e lidar com ela. Essa ideia encontra consonância com a explicação de Maurice Blanchot de que ambos, imaginário e real, são atravessados constitutivamente. Nas narrativas bojunguianas, personagens traumatizadas por causas variadas constituem-se como uma regularidade estética e esta é frequentemente aliada à apresentação de um mundo secundário que se forma no espaço aparentemente normal do mundo primário. Portanto, tem-se estabelecido, de forma intensa, o diálogo entre uma poética cinza (tema fraturante) e a instauração da fantasia, geralmente aquela construída por intermédio de um portal. Explanarei como o mundo primário das personagens bojunguianas, repleto de sombras e de imagens negativas, encontra em um mundo secundário um espaço outro, não necessariamente positivo ou iluminado, mas um território no qual suas subjetividades podem ser reinventadas. Para tanto, três livros, especialmente, serão tomados como objetos de análise: *O sofá estampado*, *Corda bamba* e *A casa da madrinha*.

Fantasia, transgressão e subversão: um olhar sobre *Nimona*, de N. D. Stevenson

Nathália Xavier Thomaz

(Doutora Egressa pela Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

Há, na linguagem dos quadrinhos, um potencial subversivo. Afinal, para construir sua própria expressividade, essa arte se nutre de outras linguagens, aproveitando-se dos pontos de contato que estabelece com elas. Esse devoramento é um ato de transgressão,

de invasão de fronteiras e apropriação de recursos alheios. A proposta deste trabalho é discutir, através da análise do quadrinho juvenil *Nimona* (2016) de N. D. Stevenson, como esse potencial subversivo pode ser aproveitado pelo enredo. Publicado inicialmente no Tumblr da autora, uma página por semana, este quadrinho foi adaptado para o formato de *graphic novel* e recebeu o Eisner Award em seu ano de lançamento. A HQ conta a história de Ballister Coração-Negro, o vilão mais terrível do reino; de sua comparsa *Nimona*, uma metamorfa que pode se transformar em qualquer pessoa ou animal; e de Sir Oupelvis, o heroico cavaleiro que tenta garantir a manutenção da ordem. Aos poucos, no entanto, o leitor descobre que o vilão não é tão maldoso quanto se esperava, nem o herói é tão valoroso quanto aparenta e nem mesmo a ambientação medieval é o que parece. Por meio da sátira, a obra questiona e desconstrói os lugares-comuns típicos de uma narrativa de fantasia. Aos poucos, porém, a sátira relaciona-se à realidade contemporânea e utiliza o humor para ativar o senso crítico do leitor e abordar com leveza temas como corrupção, traumas pessoais e corações partidos. A personagem, então, passa a incorporar o questionamento e a subversão, alterando a dinâmica entre herói e vilão que antes parecia estabilizada.

Fantasia e ganância: *húbris* de hoje e sempre em “O Senhor do Tempo e da Areia”, de Bora Chung

Oscar Nestarez

(Doutor Egresso pela Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

Na coletânea *Coelho Maldito* (2024), a sul-coreana Bora Chung explora diferentes vertentes do insólito com vistas a tocar o âmago tanto de questões atemporais – como traços indelévels da natureza humana –, quanto recentes – como a emergência climática e a violência de gênero. Nesta perspectiva, em seus contos são frequentes a *húbris* e a subsequente condenação de personagens. É o caso da narrativa de fantasia “O Senhor do Tempo e da Areia”. Em um mundo desértico e repleto de magia, duas forças disputam o poder: o rei do deserto e o senhor do vento e da areia, navegando em seu barco de ouro flutuando no ar. No meio deles, uma princesa figura como fiel da balança entre a ganância humana e a sabedoria divina. A presente comunicação pretende esquadrihar esses aspectos, situando-os em relação a outros contos da autora.

Fantasia e desigualdades sociais: oprimidos e opressores nos mundos primário e secundário

Paulo César Ribeiro Filho

(Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

Mundos alternativos têm a função de reproduzir ficcionalmente estruturas de poder presentes no mundo primário a fim de denunciá-las ou deveriam prototipar realidades sociais alternativas com o intuito de promover o vislumbre de mundividências mais convenientes às demandas sociais contemporâneas? A partir das considerações críticas estabelecidas por Peter Hunt e Millicent Lenz em *Alternative Worlds in Fantasy Fiction* (2001), objetiva-se delinear de que modo narrativas fantasistas preservam, mesmo em mundos secundários, relações de poder que subalternizam determinadas figuras, estratos e minorias sociais. A luta pela manutenção do status quo exploratório intrínseco a sistemas monárquicos, a escravização/servidão de etnias não majoritárias e a inferiorização, objetificação e invisibilização da mulher são exemplos das controvérsias a serem averiguadas em sagas contemporâneas de fantasia.

Fantasia, raça e identidade: a fantasia contemporânea *Magic Street*, de Orson Scott Card

Roberto de Sousa Causo

(Doutor Egresso pela Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica)

Um grande nome da ficção científica e fantasia surgido na década de 1970, Orson Scott Card, famoso pelo seu clássico *Ender's Game: O Jogo do Exterminador* (1985), já havia tratado da questão nativo-americana e afro-americana na sua importante série de fantasia folclórica e história alternativa *Tales of Alvin Maker* (1987-2003), mas em *Magic Street* (2005) ele se volta para a fantasia contemporânea e para várias situações novas para ele: a paisagem urbana de Los Angeles e a questão racial contemporânea nos Estados Unidos. Isso se deu a partir do desafio de escrever sobre o ponto de vista de um homem negro. Do

romance resultante, emanam questões de identidade, estereótipos e heranças culturais ocidentais e não ocidentais.

Fantasia e desastres ambientais: dor e metáfora em *Cidade Invisível*

Sandra Trabucco Valenzuela

(Docente na Universidade de São Paulo – USP e membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens)

Cada vez mais, o planeta enfrenta desastres ambientais que impactam sobre vida das pessoas, dos animais e da terra como um todo. Os desastres ambientais podem ser classificados como humanos ou naturais: os primeiros englobam aqueles causados pela ação ou omissão humana; já os naturais são provocados por fenômenos da natureza, cuja intensidade impacta sobre uma área povoada, podendo ser agravados pela atividade humana. Para as vítimas desses desastres, fica o trauma, a dor e a busca por restaurar a sensação de pertencimento, reencontrar seu lugar no espaço físico e social, desafiando a resiliência e o equilíbrio psicológico. *Cidade Invisível* — série de TV criada por Carlos Saldanha e roteirizada por Raphael Draccon e Carolina Munhóz, com produção da Netflix (2021) — introduz personagens de narrativas populares da cultura brasileira, que recebem uma releitura contemporânea, adaptada à zona urbana do Rio de Janeiro. A série propõe um thriller policial que estabelece um diálogo com os problemas provocados por questões ambientais, que impactam negativamente sobre as personagens, pois, deslocadas de seu meio, são obrigadas a se reinventar e superar a perda de identidade, o medo constante e a dor da ausência e do esquecimento, tornando-se metáforas de pessoas reais, subsistindo num espaço urbano que lhes é hostil.